

PENSE COMO UM MESTRE FIDE!

MF Adwilhans Souza - março/2009

Sempre tive enorme dificuldade com o cálculo concreto de variantes, especialmente em situações complexas de meio-jogo. Não que me faltasse criatividade ou capacidade de cálculo, afinal sempre tive grande facilidade para solucionar composições, fossem problemas de mate direto ou estudos envolvendo golpes táticos mirabolantes.

Minha limitação residia na dificuldade de encontrar essas mesmas combinações no curso de uma partida. Por alguma razão, lances espetaculares, muitas vezes decisivos, escapavam à minha atenção. A situação, que sempre havia sido incômoda, passou a constituir um grave problema quando me dispus a dar aulas de xadrez.

Tentando superar tal limitação, estudei seriamente o livro “Pense como um Grande Mestre”, de Alexander Kotov, no qual o autor apresenta o método que considera ótimo para que o cálculo concreto não contenha “furos”, que se baseia, grosso modo, na aferição das jogadas candidatas e na árvore de cálculo.

Jogadas candidatas são aquelas que se apresentam como as mais prováveis jogadas corretas em uma dada posição. Árvore de cálculo é o desenvolvimento simultâneo das várias ramificações que se originam de cada jogada candidata.

O estudo desse livro, ao invés de resolver meu problema, em verdade originou outros.

Primeiro, nunca consegui realmente desenvolver uma árvore de cálculo, ao menos não na forma descrita por Kotov – simultaneamente. O GM russo defende a tese de que, se o desenvolvimento das ramas não for simultâneo, eventualmente o jogador terá de ir e voltar a cada uma das linhas analisadas, tendo dificuldades para retornar ao ponto onde havia parado anteriormente, perdendo tempo. Mas que é difícil – se não impossível, ao menos para mim – conduzir três, cinco ou mais análises ao mesmo tempo, ah isso é!

Segundo, minha cultura enxadrística também não era das mais profundas, de modo que mesmo a escolha das jogadas candidatas era difícil. Por mais que a

capacidade de cálculo seja suficiente para “destrinchar” a árvore de cálculo, certamente todo o trabalho irá por água abaixo se, na escolha das candidatas, a jogada correta ou a mais efetiva ficar de fora...

Terceiro, se eu tinha as dificuldades descritas, imagine a dificuldade em conduzir meus alunos na tarefa de desenvolver suas capacidades de cálculo...

Após muito sofrimento em vão, muita angústia, comecei a questionar a real utilidade do método proposto por Kotov. Conversando com enxadristas que admirava (admiro), descobri que poucos afirmavam utilizar tal método, nenhum com sucesso.

Com o tempo, acabei compreendendo que minhas dificuldades não eram incomuns e que o método Kotov não era acessível a todos. Então passei a dedicar-me com mais afinco às análises de minhas partidas para identificar o que havia de comum nos lances que escapavam à minha atenção.

A conclusão a que cheguei é que existem lances que, embora lógicos na consecução dos objetivos mediato (mate) ou imediatos (vantagens em geral), são irracionais do ponto de vista humano. Com isso quero dizer que determinados lances são tão esquisitos que é muito difícil sequer pensar neles, o que dificulta ao jogador comum, no calor da batalha, encontrá-los.

Nas posições complexas de meio-jogo, envolvendo ataques e contra-ataques, é possível identificar um ponto comum entre os lances que demandam uma análise mais apurada: os que encerram, em si, uma ameaça atual e concreta.

Essa ameaça, que pode ser de qualquer tipo, não resolve o problema de identificação das jogadas candidatas, especialmente para o jogador com pouco conhecimento dos temas. Por isso, acabei desenvolvendo um guia prático da ordem de importância das ameaças para fins de investigação, na seguinte ordem: lances que dão xeque; que ameaçam xeque-mate; que capturam peças; que ameaçam capturar peças.

Embora essa lista não seja completa nem isenta de críticas, funciona bem para o jogador, em especial o iniciante e o intermediário, como auxílio na hora de identificar as candidatas.

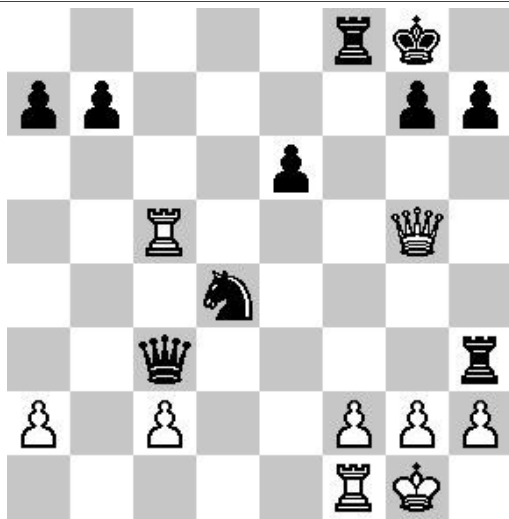
Identificadas as jogadas passíveis de análise mais apurada, que são todas as situadas no mesmo nível, passa-se ao cálculo concreto de variantes, uma a

uma e não simultaneamente. Analisa-se cada linha até o seu esgotamento ou até se chegar a uma posição na qual se possa tirar uma conclusão segura.

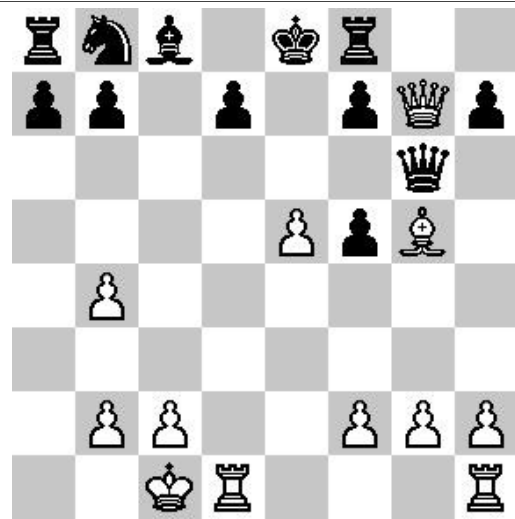
Aplicado o método e não localizada nenhuma linha que conduza ao ganho ou a uma vantagem qualquer, o enxadrista deverá, utilizando os conceitos básicos posicionais que possua, escolher um lance que reforce sua posição ou que, ao menos, não a comprometa – trata-se de situação a que se chega por eliminação e que corresponde, na linguagem corrente, à guerra de manobras.

Claro que a cultura enxadrística continua sendo importante para a qualidade do cálculo, em especial a relacionada com o conhecimento dos temas táticos, dos quadros de mate, das manobras típicas; contudo, esse método tem a vantagem de simplificar muito o procedimento de cálculo sem torná-lo aleatório.

Com o tempo e a vivência do método, o jogador vai tendo cada vez mais facilidade em aplicá-lo corretamente, como pude verificar na minha prática pessoal (mais de dez anos aplicando-o) e na de meus alunos. Se você também tem dificuldades para calcular utilizando a árvore de Kotov, não conseguindo pensar como um Grande Mestre, experimente o método que proponho e pense, ao menos, como um Mestre FIDE!



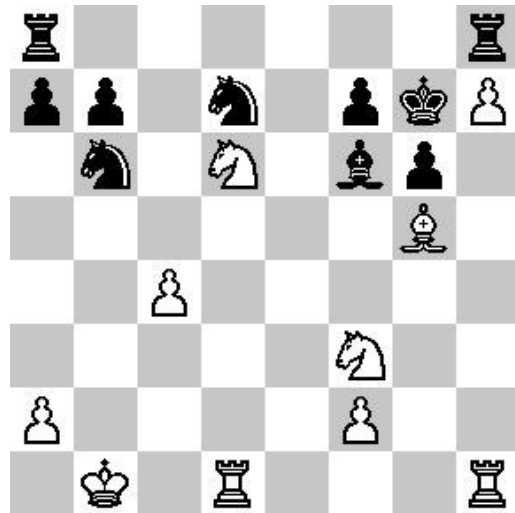
Levitsky – Marshall 1912
Jogam as negras



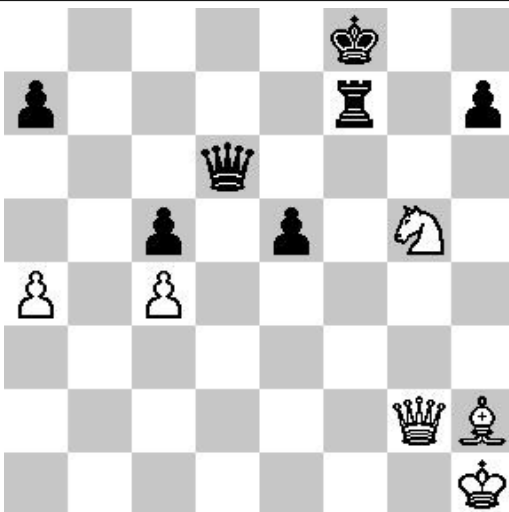
Tisdall – Lee 1981
Jogam as brancas



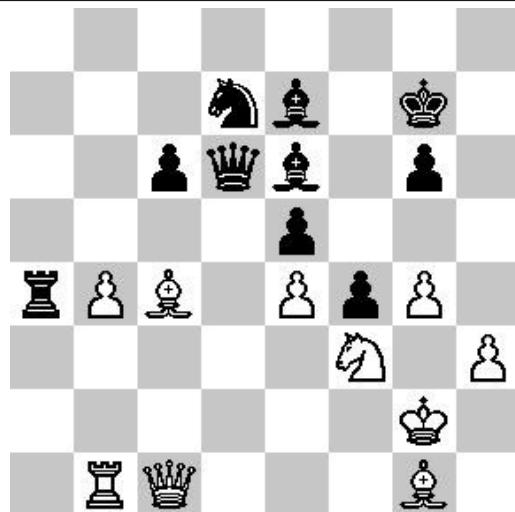
Panczyk – Schurade 1978
Jogam as brancas



Souza – Vescovi 2005
Jogam as brancas



Petrosian – Simagin 1956
Jogam as brancas



Mecking – Kavalek 1967
Jogam as brancas